

LAPORTE (Dom J.) (Sob a direção). — *Millénaire monastique du Mont Saint-Michel* "Bibliothèque d'histoire et d'archéologie chrétiennes". Paris. Lethielleux.

De todos os monumentos medievais franceses, a Abadia de São Miguel é uma das mais visitadas e admiradas em todo o mundo. Santuário e fortaleza ao mesmo tempo, aparece na história, principalmente durante a Guerra dos Cem Anos, como o símbolo de uma irreduzível fidelidade à França. Ela foi também um centro de cultura e de civilização, um local de monaquismo beneditino que enriqueceu a França não só com suas audácias arquitetônicas, mas também um local de imenso labor literário e científico testemunhado pelo que resta ainda de manuscritos conservados em Avranches.

Mostrar o que foi o papel da Abadia na história cultural, econômica, social e política, assim como a sua importância na história religiosa da França tal foi o fito da publicação do conjunto de trabalhos publicados por ocasião do Milenário Monástico do Monte Saint-Michel. Foi há mil anos, com efeito, que os primeiros monges beneditinos, vindos de Saint-Wandrille e de Jumièges, inauguraram os trabalhos e a vida comunitária que devia fazer de sua Abadia e da sua basílica a "Maravilha do Ocidente".

Essa publicação, realizada pela *Société Parisienne d'Histoire et d'Archéologie Normandes*, sob o patrocínio e com o concurso do *Comité national du Millénaire*, se inscreveu entre as realizações comemorativas suscitadas por esse Comitê: Exposição em Paris e depois no Monte Saint-Michel; conferências, emissões radiofônicas e de T.V. sobre o Monte e sua história; congressos científicos; movimento internacional de peregrinações dirigidas, como nos tempos passados, rumo ao Monte; jornada de amizade franco-britânica; presença dos monges de Saint-Wandrille e de Bec-Hellouin na própria Abadia, entre 1º de maio e 16 de outubro do ano do Milenar.

Os estudos que contém essas *Mélanges* se ordenam num plano bem determinado em torno do tema geral de pesquisas ao qual cada um dos quatro volumes da publicação é consagrado: *Histoire et vie monastique du Mont Saint-Michel*, *Rayonnement intellectuel*, *Culte et pèlerinages*, *Archéologie*. Além desses quatro volumes foram previstos: um volume sobre as fontes da história e da bibliografia geral do Monte Saint-Michel, e a edição do célebre cartulário da Abadia, redigido no fim do século XII pelo mais famoso dos seus abades: Robert de Torigni.

O 1º volume, *Histoire et vie monastique* (1967. 824 pp. de texto, 4 cartas e 15 pranchas 170 Fr.) trata do Monte Saint-Michel como a obra dos cônegos instalados no VIII século, fala depois dos monges beneditinos que lhe sucederam a partir de 966, feliz acontecimento para a Normandia e para a Cristandade. Quem foram esses homens? Esse é o assunto desse primeiro volume da coleção de trabalhos históricos sobre o célebre santuário, publicado por ocasião do Milênio das Abadias e dirigido por Paul Gout com o auxílio das aquisições e dos métodos da erudição moderna.

Trata-se, pois, de uma história muito venerável vista com novos olhos, desde Santo Aubert, o fundador, e seus cônegos, muito próximos do monaquismo, depois os monges, verdadeiros pássaros do mar, sequiosos de liberdade ao encontro de seus duques, seus faustosos séculos XIII e XIV, o penoso século, o lento crepúsculo

século XVI, e a honrosa tentativa dos Mauristas. Certas reputações perderam terreno; alguns homens mercedores e mal conhecidos, vieram a lume.

O Monte é um santuário e a obra prima desses religiosos. Um atento estudo de seus hábitos e de seus livros litúrgicos dão a chave de muitos problemas, principalmente a dependência do Monte face a outras Abadias e a utilização dos seus edifícios. Estuda-se também os monges fora da Abadia: suas relações, seus priorados de França e suas propriedades na Inglaterra.

O outro tomo de que temos notícia é o segundo: *Vie montoise et rayonnement intellectuel* (1967. 484 pp., 56 pranchas, compreendendo 128 ilustrações. 100 Fr.). Este tomo foi destinado a ilustrar a irradiação cultural do Monte Saint-Michel através dos séculos. Reune 30 contribuições devidas à pena de sábios franceses e estrangeiros. Compreende muitas séries de estudos, repartidos em tantas secções quanto foram os aspectos da atividade e da influência da célebre Abadia.

Les lieux et les hommes situam o mosteiro-fortaleza nos confins normando-bretones, outrora no centro de uma senhoria marítima. Diversa era a população do Monte, unida, entretanto, na mesma vida áspera e perigosa: monges e guerreiros, burgueses e artesãos, pescadores e peregrinos, prisioneiros enfim — “hóspedes” religiosos ou laicos da Abadia — detidos por loucura, por perda de foros de nobreza, sucessão contestada, libertinagem ou outros crimes, até mesmo insubmissão às autoridades.

A *Historiographie montoise* introduz o leitor entre os monges estudiosos da comunidade medieval ou da congregação de Saint-Maur. O maior é incontestavelmente Robert de Torigni, vindo de Bec-Hullouin para governar a Abadia na época do “Império Plantageneta”. Construtor e colecionador de livros mais do que historiador, o Monte deve a esse grande abade o esplendor de estudos sagrados e profanos, o desenvolvimento do *scriptorium* e a criação da biblioteca.

Os manuscritos, atualmente na sua maioria conservados em Avranches — dos quais alguns dotados de iluminuras bastante estudadas e reproduzidas no volume — não são mais do que um vestígio desse inestimável tesouro. Mesmo reduzidos em número permitem apreciar a variedade dos estudos monásticos: além da história, da filosofia com Aristóteles (trinta e um tratados aristotélicos), o direito, a teologia, principalmente a angelologia. *Spiritualité et piété* não estão ausentes, ainda que os testemunhos conservados até aos nossos dias sejam muito poucos: um comentário sobre o Cântico, a atração de uma espiritualidade “angélica” que ilustra tão bem quanto o exemplo de Joana d’Arc que certos tratados sábiamente elaborados nos mostram.

Enfim, o brilho do Monte Saint-Michel aparece ainda através de muitos testemunhos literários: basta citar Geoffroi de Monmouth, Guillaume de Saint-Pair, a Chason de Roland, a saga de Begr Sökkason, o ciclo hispânico dos Milagres de Nossa Senhora, Ariosto, Vitor Hugo...

Temos notícia também da publicação do 4º volume: *Bibliographie Générale et Sources* (256 pp. 48 Fr.). Apesar do seu caráter mais árido, o presente tomo também deve interessar aos leitores. Trata-se de uma obra em grande parte enumerativa das referências ao Monte Saint-Michel através dos séculos. Os títulos falam por si só. Pois não invocam eles os cem perigos que ameaçaram o Monte: o “perigo do mar” que obsecava os habitantes e os peregrinos de outrora, o “perigo da história”, essa luta constante levada a efeito pela Comunidade contra as potências do século e as forças de decadência, “o perigo da terra”, ameaça tão pesada contra sua insularidade, o “perigo do século” ou o assalto dos *snobs* e dos comer-

ziantes? Não invocam o entusiasmo dos peregrinos de outrora, a extrema difusão do culto do arcanjo, a atividade, a grandeza e às vèzes as fraquezas dos abades do mosteiro, os sofrimentos sofridos pelos prisioneiros que abrigou? Não evocam o amor dos pesquisadores pelo Monte, os mil atrativos que exerceu sôbre os viajantes, os escritores e os artistas?

Essa compilação não é aliás sòmente uma simples enumeração de títulos, aliás muito numerosos. Devemos precisar o que certas referências tinham de muito sumário e tirar de uma palavra o conteúdo ou o espírito. Algumas vèzes foi publicada a conclusão ou mesmo extratos bastantes longos, a fim de repousar o espírito do leitor sôbre alguma bela página de um historiador ou sôbre uma descrição realista, curiosa ou fantasista. Enfim, quiseram dar o inventário das fontes manuscritas de história do Monte, o que não tinha jamais sido até então tentado.

E.S.P.

*
* *
*

TOUCHARD (Henri). — *Le commerce maritime breton à la fin fin du Moyen Âge*. Paris. Les Belles Lettres. XXXIX + 455 pp., 8 cartas, 2 pranchas, 21 quadros fora do texto (fascículo I dos "Annales Littéraires de l'Université de Nantes"). 60 Fr.

Apesar da guerra e a pirataria, que embaraçavam a navegação nos mares ocidentais, apesar de uma economia contraída que limitava a amplidão das trocas, mercadores e marinheiros bretões dão a impressão de gozar de uma verdadeira idade de ouro nos três primeiros quartéis do século XV. Os primeiros são poderosos e prósperos no comércio do sal, dos tecidos ou de seus cereais e os segundos pela fidelidades dos fretadores dos seus barcos que os levavam da Escócia à Andaluzia, da Zelândia à Madeira, das costas inglêsas aos portos vinícolas da França de sudoeste. Ora, no momento em que, com os Tempos Modernos se anuncia uma reviravolta da conjuntura econômica onde se abrem novos horizontes marítimos, os bretões tiveram nítida consciência de que não se intregavam plenamente no nôvo mundo comercial.

Dessa prosperidade e dêsse mau estar, o Autor se esforça para precisar os limites reais e a influência exercida sôbre a economia geral do Ducado. Pela análise das formas de armação e exploração do navio, das vocações muito diversas das regiões bretãs, das estruturas sócio-econômicas, além das reações psicológicas do meio mercantil bretão, tenta êle explicar os sucessos e dificuldades face à concorrência estrangeira. Aos bretões do XV século já se apresentavam difíceis problemas de crescimento comercial, de reconversão e de adaptação às novas conjunturas.

E.S.P.

*
* *
*